

## Capoeiras: paradigmas contemporâneos

Mateus Schimith  
Universidade Federal do Tocantins

O artigo propõe-se a entender alguns dos desafios enfrentados pela prática contemporânea da capoeira, começando pelo emprego no plural dessa manifestação cultural, como um exercício de reconhecimento de sua diversidade. Por outro lado, procura-se tratá-las como jogo. Isso porque, frequentemente, se busca defini-las como uma diversidade de linguagens: luta, dança, arte, brincadeira. Reconhece-se no conceito de jogo a abrangência necessária para abarcar essas diversas possibilidades de conceber as capoeiras e para agregar outras tantas abordagens, como a técnica, o sagrado, o improvisado, as regras e o ritual (Caillois, 1988).

Em 2014, a prática das capoeiras teve um grande passo em direção às ações afirmativas de preservação de suas memórias culturais com o reconhecimento da “roda de capoeira” como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO (2014). O título, que representa uma legitimação internacional para a prática do jogo, fomenta o estabelecimento de novas diretrizes governamentais para salvaguardar e difundir-la como manifestação cultural (IPHAN, 2014).

Ao entender esse jogo como manifestação cultural, tomando como base o pensamento de Le Breton (2010) acerca de culturas, reconhece-se ainda que as capoeiras passam, inevitavelmente, por transformações espaço-temporais em suas estruturas, ainda que mantenham referências tradicionais de suas ancestralidades. Um motivo plausível para que isso ocorra com as capoeiras está no fato de que as transmissões de seus conhecimentos foram passadas ao longo dos séculos, quase exclusivamente, por meio da corporeidade e, sobretudo, da oralidade de seus praticantes. Dessa forma, as capoeiras sempre estiveram sujeitas às transformações culturais que seus mestres do saber incorporaram e aos contextos político-sociais em que estavam inseridos. Resulta numa diversidade que permite designar muitas capoeiras, com princípios e características diversas, como sinalizou o IPHAN (2014), ao afirmar que

[...] a dificuldade em estabelecer as origens da capoeira nos aspectos geográficos, culturais e etimológicos pode ser explicada devido a sua diversidade. Manifestação intimamente ligada às culturas locais, ganhou contornos específicos de acordo com os contextos em que se desenvolveu. A capoeira, dessa forma, é reconhecida como fenômeno cultural urbano, cuja história permeia o passado e o presente (IPHAN, 2014: 12).

Desse modo, assim como propõe Coutinho (2002), entende-se que até mesmo a compreensão acerca de uma tradição a ser repassada pelos mestres do saber, que lideram esses grupos de capoeiras, pressupõe uma abordagem dialética – permeável à seleção, valoração interpretação, afirmação e também negação – no processo de transmissão de um conteúdo passado histórico. Verifica-se tal fato, porque a tradição também é uma atividade humana, embora o indivíduo não tenha o controle do desenvolvimento dessa cultura, por se tratar de uma concepção coletiva.

Essas referências tradicionais que os mestres do saber buscam manter e repassar asseguram a dimensão da ritualidade dentro de um jogo que se fundamenta tanto no seu aspecto técnico, quanto na sua percepção de sagrado<sup>1</sup>, assim como propõe Mestre Pastinha (1988). Para tanto, o que parece estar em jogo, nesse sentido de tradição, é o modo como um conteúdo passado – nesse caso de assimilação dos aspectos técnicos e sagrados dessa prática cultural – é interpretado e ressignificado de acordo com o contexto espaço-temporal de seus praticantes.

Um dos caminhos metodológicos difundidos nas práticas das capoeiras em busca da ritualidade se baseia na ideia de que os elementos técnicos são trabalhados continuamente por meio de treinamentos intensos de movimentações codificadas, que exigem do jogador uma experiência para o desenvolvimento do jogo, experiência esta adquirida somente com a prática sistemática e com o tempo. No entanto, seguindo o raciocínio de Pastinha (1988), o jogo na capoeira só adquire sentido a partir da assimilação do sagrado que a prática pressupõe. E, nesse caso, o sagrado é entendido como uma construção que nasce no corpo, na subjetivação da técnica, no respeito às crenças<sup>2</sup> e na manutenção dos princípios do jogo ritualístico (estabelecidos pelo coletivo), que desperta a influência da subjetividade presente em sua prática.

Ainda que fosse possível assegurar a preservação desses saberes tradicionais, seria importante levar em consideração que as capoeiras, sobretudo nas suas concepções urbanas, também têm como característica essencial a capacidade agregadora de novos elementos que ajudam seus praticantes a se organizarem e se distinguirem entre si como jogadores de uma prática cultural

---

1 A ideia de sagrado, neste caso, alia-se ao extraordinário, aos processos subjetivos, e não se trata exclusivamente de uma dada compreensão de religiosidade, embora possa coexistir nela (Caillois, 1988). A noção, definida por Caillois (1988) como uma categoria da sensibilidade que escapa à racionalidade, abarca uma ideia da experiência humana do mistério, do fascínio e da transcendência, que ultrapassa o sentido da realidade. Para o autor, a partir da consciência da misticidade, o sagrado se sustenta na codificação da crença, no regramento, que irão assegurar o êxito do rito.

2 As crenças que permeiam a prática das capoeiras são variáveis, de acordo com a concepção de cada agrupamento. De forma geral, segundo Columá e Chaves (2013: 169), “[...] instrumentos como o berimbau e o atabaque, além de marcar o ritmo do jogo, possuem estreita relação com aspectos religiosos afro-brasileiros. A música e o canto são elementos simbólicos, narrando causos e lendas de deuses, orixás e encantados, que junto ao catolicismo dominante compõem o sincretismo fundador de uma religiosidade peculiar às manifestações culturais oriundas dos africanos e seus descendentes no Brasil” (Columá; Chaves, 2013: 169).

singular. Essas características agregadoras tornam as capoeiras capazes de se adequarem aos novos paradigmas de seu espaço-tempo, elemento importante para sua manutenção e sobrevivência na evolução político-cultural do país.



[Ilustração 1: Mateus Schimith e Camila D’Avila preparando-se para entrar na roda de capoeira do Evento de Capoeira Beribazu – ES, em 2013. Fonte: Acervo do autor.]

Um exemplo importante desse processo de adaptação foi a adoção de cordões graduados já na segunda metade do século XX<sup>3</sup>. Em busca do reconhecimento como prática esportiva e organização do processo de desenvolvimento dos alunos, a maioria dos grupos de capoeira adotaram a separação dos praticantes por diferentes cores, que representam uma hierarquia entre pares, variando desde a corda iniciante até a certificação de uma corda de mestre, também entregue por seus pares. Vale ressaltar que esse sistema de disciplina e hierarquia nas capoeiras se fortificou e se instalou definitivamente nas práticas (sobretudo assimilada na Capoeira Regional Baiana), em consonância com as diretrizes de uma Educação Física militar e tecnicista, método vigente nos parâmetros pedagógicos da primeira metade do século XX (Costa, 2007).

Não se pode negar que essa mudança na transmissão do saber – de prática da “vadiagem” ao regime disciplinar – representou um alívio para o governo militar do início da década de 1970<sup>4</sup>, que via a necessidade de incentivar uma postura ordeira nos jogadores por meio de uma espécie de

3 São diversos os capoeiristas que foram reputados como criadores do sistema de cordas e, conseqüentemente, do sistema hierárquico na capoeira.

4 Segundo Vieira e Assunção (2008: 14), “[...] sob os auspícios do regime militar instalado em 1964, criou-se a Federação Paulista de Capoeira, em 1970, e o departamento de capoeira da Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), em 1972, que reunia as lutas que não possuíam confederações específicas. Os grupos-membros se comprometiam a implementar regras estabelecidas pela Federação, que iam da utilização obrigatória do uniforme, da saudação inicial (o ‘Salve!’), ainda hoje adotado por muitas escolas de capoeira) até ao regulamento minucioso de competições. Se essa evolução facilitou a integração da capoeira em atividades escolares e desportivas em âmbito nacional, e, por conseqüência, outra onda de expansão pelo Brasil afora, gerou, por outro lado, reações contrárias por parte de capoeiristas comprometidos com o ideal de resistência”.

código de conduta para merecimento de uma graduação (Costa, 2007). Essa aproximação gerou, ao longo dos anos, além da popularização e do avanço na desmarginalização das capoeiras, um efeito colateral na sua política de ensino, uma vez que houve uma espécie de incentivo para que muitos mestres e professores se aproximassem de uma postura muitas vezes autoritária e centralizadora (Falcão, 2001).

Ademais, essa tentativa de adequação esportiva à qual as capoeiras foram submetidas, em que se privilegiavam o treinamento físico e disciplinar (aquecimento, alongamento e repetições de movimentos), contribuiu tanto para a rápida difusão da prática como para o enrijecimento de sua estrutura reflexiva, do ponto de vista político-pedagógico (Costa, 2007). Como consequência, inexoravelmente, encontra-se ainda a resistência de grande parte dos praticantes de capoeira em aproveitar os espaços de encontro coletivo para debater questões importantes para o jogo que subsidiem os momentos de treinamento.

Tal aceleração das transformações nas práticas das capoeiras foi vista com preocupação por alguns praticantes, que perceberam, nesse aspecto de adequação regimental, uma contracorrente de resistência cultural (Falcão, 2001). Na tentativa de salvaguardar seu aprendizado ancestral, Mestre Pastinha nomeou sua capoeira como Angola (firmando-se como origem afro-brasileira), como forma de diferenciar-se da velocidade das transformações promovida por Mestre Bimba e seus seguidores da Capoeira Regional Baiana. Contudo, ainda assim, Mestre Pastinha também incorporou novas regras<sup>5</sup> ao seu jogo de capoeira, para melhor lidar com as questões de seu tempo (IPHAN, 2014).

As transformações nas capoeiras foram tão significativas no decorrer de seu desenvolvimento que suas práticas no século XXI poderiam ser reconhecidas pela pluralidade de modos de conceber o jogo, bem como nos seus modos de organização. Tal fato inviabilizaria a ideia de que fosse possível estabelecer um único conceito, método ou estatuto capaz de dar conta das diferentes formas através das quais se praticam o jogo ao redor do mundo. Realidade esta que, da mesma forma, dificulta uma organização entre os diversos agrupamentos de praticantes. Segundo Vieira e Assunção (2008), a partir da década de 1980, os capoeiristas participam de uma transição fundamental, uma vez que

---

5 Ainda de acordo com o Dossiê organizado pelo IPHAN (2014: 63), “[...] na rotina diária do Centro, Mestre Pastinha cria funções específicas ocupadas por capoeiristas mais avançados, responsáveis pela orquestra, instrutores de movimentos – chamados ‘trenel’ –, arquivistas, contramestres e mestres. Escolhe um uniforme que passará a identificar os seus alunos, calça preta e camisa amarela, em homenagem às cores de seu clube de coração: Ypiranga Futebol Clube. Impede seus alunos de jogarem descalços e sem camisa. Proíbe alguns movimentos. Enfatiza o lado lúdico e artístico da capoeira, destacando os treinos de cantos e toques de instrumentos. Define a ‘bateria’ ou a ‘orquestra’ com três berimbaus (gunga, médio e viola), dois pandeiros, um atabaque, agogô e reco-reco. Destaca a importância dos toques e cantos na condução dos ritmos do jogo”.

[...] se os atuais praticantes se acostumaram a ouvir de seus mestres e professores histórias sobre perseguição, rodas interrompidas pela polícia e correrias nas praças e festas de largo, a realidade que passaram a viver é, regra geral, completamente diferente. A capoeira tem-se inserido nas instituições e no contexto político mais amplo por muitas vias, alterando dramaticamente sua prática e seu significado. Este cenário acelerado de mudança traz novos desafios tanto para os capoeiristas quanto para o Estado e os produtores culturais. (Vieira; Assunção, 2008: 10).

Aproveitando-se dessa característica agregadora, alguns grupos, que não se percebem identificados pela ritualística específica de uma tradição, buscam agregar diferentes características tradicionais para construir uma prática híbrida, que comumente chamam de Capoeira Contemporânea, sobretudo por reconhecer a possibilidade de agregar novos aspectos para a prática das capoeiras, sem desprezar as características e referências ancestrais (com suas técnicas e o sagrado) dessa manifestação cultural. No entanto, a metodologia adotada por esses grupos e o sistema de graduação de cordas também se mantêm difundidos de forma semelhante na maioria deles.

Assim, dada a diversidade na concepção das capoeiras, a manutenção de uma informalidade no processo de graduação dos capoeiristas tem como resultado a não-padronização, mas, por vezes, a deslegitimação institucional dos professores e mestres das capoeiras. Uma vez que não se sabe quais procedimentos são utilizados para avaliar a carreira do capoeirista, cada agrupamento estabelece seu procedimento burocrático para a evolução das cordas. Tal processo permeia pela descredibilidade, uma vez que se tornam conhecidos os casos de aceleração ou desproporcional retardamento de graduação entre cordas (Falcão, 2001). Ou seja, ao mesmo tempo em que se reconhece a importância da pluralidade na prática das capoeiras, compreende-se o risco que esse contorno fragmentado provoca na manutenção e organização metodológica dessas práticas.

Como exemplo dessa dificuldade de organização, o ano de 2015 foi alarmante para os praticantes das capoeiras, devido ao recurso judicial criado pelo Conselho Regional de Educação Física de São Paulo, que tentou impedir que instrutores desse jogo (que não fossem formados em Educação Física) atuassem como professores em centros esportivos. O caso ocorreu em decorrência da lei vigente, com base no artigo 3º da Lei nº 9.696/98 (Brasil, 1998), que regulamenta a profissão de educador físico. Nesse sentido, para o Conselho de Educação Física, por meio da Resolução 07/2004 (Brasil, 2004), as práticas de lutas e artes marciais – entre elas a capoeira – seriam atividades próprias do profissional de educação física. Nesse caso específico, o judiciário foi favorável aos docentes de lutas e artes marciais, permitindo-os a seguir sua transmissão de conhecimento.

No entanto, os professores de capoeiras não licenciados, que buscam trabalhar no ensino formal das escolas, ainda sofrem um entrave legal no que tange à não formalização do

licenciamento do profissional das capoeiras<sup>6</sup>. Este é, inclusive, um dos assuntos mencionados entre as recomendações estabelecidas pelo IPHAN (2014) no sentido de salvaguardar os mestres do saber: a necessidade do reconhecimento de notório saber dos mestres de capoeira, pelo Ministério da Educação, que legitime a prática desses mestres, independentemente de sua vinculação com a profissão de Educador Físico.

Por outro lado, a dificuldade em estabelecer uma estrutura que legitime a formação de mestres e professores, tanto no aspecto técnico quanto pedagógico, se torna uma resistência para a sua inserção no ensino básico formal. De forma geral, a dimensão teórica-reflexiva dos profissionais de capoeira continua muito restrita. Muitas vezes a formação do capoeirista é marcada, quase exclusivamente, pelo treinamento dos movimentos do jogo, trazendo pouco peso para a reflexão sobre questões de organização das práticas e suas pedagogias<sup>7</sup>. Com isso, os profissionais que conseguem se desenvolver também no âmbito dos estudos teóricos da capoeira precisam encontrar seus caminhos de forma autônoma, e sem a orientação de um mestre do próprio agrupamento.

Ao ignorar as reflexões acerca das questões das capoeiras no nosso tempo, as transformações, que são partes essenciais da evolução da manifestação cultural, ocorrem com grande atraso e são, quase sempre muito combatidas. Ou seja, esse contexto contribui para a manutenção de espaços nos quais se verifica a reprodução de algumas culturas que se desenvolvem no sentido contrário aos novos paradigmas do século XXI, como é o caso da cultura do patriarcado (Narvaz; Koller, 2006). A manutenção desse sistema excludente, ainda vigente, que privilegia os homens em detrimento das mulheres, pessoas brancas em detrimento das negras, heterossexuais em detrimento dos homossexuais, cristãos em detrimento das religiões afro-brasileiras, pode ser percebida com frequência nos agrupamentos das capoeiras.

Entre todas essas questões, a discussão a respeito de gênero na capoeira está crescendo no Brasil<sup>8</sup>. Ao perceber a discrepância da graduação das mulheres na capoeira em relação aos homens, que ainda ocupam os maiores postos de poder na composição ritualística da capoeira, algumas mulheres procuraram se unir em busca da valorização da sua participação nas capoeiras. Essa iniciativa começou a ser fomentada por coletivos de mulheres de diferentes grupos que perceberam que a evasão das capoeiristas mulheres na prática era muito superior à dos homens (Barbosa, 2003). Essa evasão também contribui, como causa e consequência, para o pequeno número de mulheres

---

6 Para saber mais sobre as tensões entre a transmissão do conhecimento das capoeiras e o campo da Educação Física, indica-se a leitura da publicação da pesquisadora Vivian Luiz Fonseca (2008).

7 Vieira e Assunção (2008) percebem que as capoeiras começaram a ganhar força como objetos de pesquisa nas universidades brasileiras, em sua maioria, apenas a partir da década de 1980.

8 Para saber mais sobre a participação das mulheres nas capoeiras, indica-se a leitura das publicações das pesquisadoras Maria José Somerlate Barbosa (2011; 2003) e Rosa Maria Araujo Simões (2002).

ocupando espaços de poder na ritualística das capoeiras, apesar de já representarem mais de 40% de participação nas capoeiras (Barbosa, 2003). Segundo Barbosa (2011),

[...] algumas mulheres se sentem desencorajadas a continuar porque acham que concorrem em condições de desigualdade. Além disso, percebe-se que a capoeira tradicional privilegia as normas de conduta machistas. Mas, à medida que o debate e a discussão sobre o papel e o lugar da mulher na capoeira começam a ganhar destaque, o espaço real dela também se amplia. O número de mulheres capoeiristas cresce e o reconhecimento de sua participação no jogo ganha destaque. (Barbosa, 2011: 473).

Com isso, os coletivos femininos buscam, de forma geral, questionar a forma estigmatizante do tratamento da mulher no jogo, nas cantigas e na própria ritualística da capoeira (Barbosa, 2003). Somente na última década pôde-se reconhecer o surgimento dos coletivos “Movimento Dandara Viva Capoeira”, “Balança Nega”, “Sinhá Chamou” e “Simpósio Feminino de Capoeira” como exemplos de organizações de praticantes de capoeira de diferentes grupos (e quaisquer gêneros), que se agrupam para discutir a participação feminina nas capoeiras.



[Ilustração 2: Mestra Tita (Grupo Senzala), Contramestra Sabrina Abade (Grupo Beribazu), Contramestra Tati (Grupo Luanda) e Michele (Grupo Capoeira Brasil) ocupando os postos dos instrumentos de capoeira e de controle durante a roda de capoeira do Movimento Dandara Viva Capoeira, em 2017. Fonte: Acervo do autor.]

A busca do reconhecimento do espaço das mulheres na capoeira, a partir dos movimentos coletivos e femininos, representa uma das poucas diretrizes reflexivas das capoeiras, tanto pelo aspecto da união de diferentes grupos em torno de uma causa única, quanto pela abertura de espaços para debate sobre a prática. São nesses espaços de convivência e discussão que se torna evidente a necessidade de se pensar as transformações das capoeiras diante dos novos paradigmas do século XXI, e, nesse caso especificamente, a questão da participação feminina no poder, assim como se

torna urgente colocar em pauta questões acerca de outras minorias de direitos presentes nas capoeiras (raça, credo, orientação sexual), o que toca na perspectiva já enraizada da verticalidade presente nas hierarquias na prática das capoeiras.

A estrutura vigente em grande parte das capoeiras em relação à hierarquia, como prática vertical<sup>9</sup> que distância a troca de saberes entre mestres e alunos, segue no caminho contrário de um processo urgente de adequação às transformações culturais da contemporaneidade. Não se trata de condenar a estrutura de graduação já assimilada pelas capoeiras, muito menos de questionar os postos alcançados pelos mestres e professores dessa manifestação cultural. O caminho para valorizar a memória dessa prática por meio dos mestres que salvaguardam e propagam a manifestação cultural está na abertura para a horizontalidade na reflexão e troca de saberes entre mestres, professores e alunos, construindo um caminho coletivo para as adequações político-pedagógicas necessárias deste espaço-tempo.

Essa abertura exige a valorização da reflexão dialógica nas capoeiras. Inevitavelmente, desta geração de mestres e professores que ocupam atualmente espaços de poder se espera a revisão de suas posturas diante dos seus saberes e seus aprendizes, horizontalizando o processo de aprendizagem entre praticantes e permitindo maior receptividade aos constantes aprendizados e adequações aos paradigmas político-sociais que despontam no século XXI.

No que tange às relações pedagógicas entre professores e alunos, Ramal (1997) aponta que esses novos paradigmas pressupõem professores como mediadores do conhecimento do aluno, que por sua vez se torna autônomo para construir seus próprios percursos de aprendizado, como agente de seu processo de desenvolvimento (Ramal, 1997). Essa estrutura também pode ajudar aos capoeiristas a entender que o reconhecimento da carreira de um mestre não o exclui de um processo constante de aprendizado e transformações que valorizem a experiência coletiva como um espaço aberto de aprendizado mútuo.

Torna-se inevitável que o caminho já construído pelos coletivos de mulheres, para pensar a participação feminina, sirva de estímulo e exemplo para que os homens da capoeira também busquem questionar os efeitos nocivos provocados pela cultura machista na capoeira, que atingem mulheres em número exponencial e também aos próprios homens. Além disso, que esse espaço de reflexão se torne um instrumento de repensar a prática das capoeiras, adequando-as ao seu espaço-tempo.

---

9 A educação vertical se baseia, segundo Freire (2013), na manutenção do professor como um sujeito superior a seu aluno, que por sua vez é um sujeito ignorante que recebe passivamente o conhecimento, se tornando um depósito de conteúdo, para o qual não há espaço para a reflexão crítica. A educação horizontal, por outro lado, é baseada na ideia de diálogo entre professor e aluno, no qual se respeita a experiência de ambos como fundamental para uma troca de informações e uma construção coletiva do conhecimento.

Ao pensar as capoeiras como um sinônimo de pluralidade, como defendido anteriormente, torna-se valioso, para o fator agregador desse jogo nos novos paradigmas, que tal mentalidade se potencialize nos aspectos subjetivos de seus praticantes, compreendendo como o respeito e a valorização das diferenças podem contribuir para o desenvolvimento e difusão das capoeiras como uma manifestação cultural.

## Referências Bibliográficas

BARBOSA, M. J. S., [2003]. *A representação da mulher nas cantigas de capoeira*. Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies, The University of Arizona, Tucson, v. 9.

BARBOSA, M. J. S., [2011]. *A mulher na capoeira*. Portuguese Literary e Cultural Studies, University of Massachusetts, Dartmouth, v. 19/20.

BRASIL, [1998]. *Lei n.º 9.696, de 1 de setembro de 1998*. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Brasília: Ministério da Educação, 1998. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9696.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9696.htm)>, acesso em 17 fev 18.

BRASIL, [2004]. *Resolução CNE/CES 07/2004, de 31 de março de 2004*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena. Brasília, 2004. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfísica.pdf>>, acesso em 17 fev 18.

CAILLOIS, R., [1988]. *O homem e o sagrado*, Lisboa. Edições 70.

CAILLOIS, R., [1990]. *O jogo e o homem*. Lisboa, Portugal.

COLUMÁ, J. F.; CHAVES, S. F., [2013]. *O sagrado no jogo de capoeira: Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1.

COSTA, N. L., [2007]. *Capoeira, Trabalho e Educação*. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

COUTINHO, E. G., [2002]. *Os sentidos da tradição*. Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador.

FALCÃO, J. L. C., [2001]. *O Mestre de Capoeira e a Pedagogia do Oprimido: Um sugestivo encontro*, O Berimbau: Associação Cultural GUETO, Volume 2, Ed. nr. 1, Salvador-BA, Nov.

FONSECA, V. L., [2008]. *A capoeira contemporânea: antigas questões, novos desafios*, Recorde, Revista de História do Esporte, v. 1.

FREIRE, P., [2013]. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

IPHAN, [2014]. *Dossiê: Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil*. Ministério da Cultura, Brasília.

LE BRETON, D., [2010]. *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro, Vozes.

NARVAZ, M.G.; KOLLER, S. H., [2006]. *Famílias e Patriarcado: Da prescrição Normativa à Subversão Criativa*. Psicologia e Sociedade, Porto Alegre, v. 01, no 18, p. 49-55, jan/abr.

PASTINHA, V. P., [1988]. *Capoeira Angola, por mestre Pastinha*. Salvador, FUNCEB, terceira edição.

RAMAL, A. C., [1997]. *Um novo paradigma na educação*. Revista Internet e educação, Rio de Janeiro, Ediouro.

REIS, L. V. S., [1997]. *O mundo de pernas para o ar: A capoeira no Brasil*. São Paulo, Publisher Brasil.

SCHIMITH, M., [2012]. *Estados de Corpo: vias de aproximação entre capoeira e teatro na poética de um ator*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SIMÕES, R. M. A., [2002]. *Capuêra: mulheres na luta*. Educação em Revista, v. 03.

UNESCO, [2014]. *Convention pour la sauvegarde du Patrimoine Culturel Immateriel – Le Cercle de capoeira*. Paris, UNESCO.

VIEIRA, S. L. S., [2004]. *Da Capoeira como patrimônio cultural*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Escola de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

VIEIRA, L. R.; ASSUNÇÃO, M. R., [2008]. *Os desafios contemporâneos da capoeira*. Revista Textos do Brasil, Brasília, v. 1 n. 14.